

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 3 Setembro - Dezembro 2023

RESENHA

OTROS PASADOS: ONTOLOGÍAS ALTERNATIVAS Y EL ESTUDIO DE LO QUE HA SIDO*

Daniel Grecco Pacheco**

“O passado não é uma simples reserva de material, mas sim um cenário de constantes lutas discursivas e conceituais, lutas de reescrita e reinterpretação” (DEL VALLE ESCALANTE, 2015, p. 10). Essa frase de Emil’ Keme, Maya K’iche’ de Guatemala, professor e investigador de literatura e cultura indígenas, materializa uma ampla discussão levada a cabo pelas ciências históricas e antropológicas nas últimas décadas. Um debate que se apresenta a partir de uma crítica à concepção moderna da existência de uma História (em maiúscula e singular) única, universal, linear, progressiva e vetorial, presente entre todos os povos da humanidade. Um tempo, constituído por eventos que se sucedem um após o outro e que é ordenado e disciplinado, transitando do passado ao presente e ao futuro obedecendo à rigidez e ao ordenamento de uma linha (HABER, 2016, p. 131). Linha que também é um vetor, que orienta e dirige uma “História” desde um ponto de partida, seguindo uma única direção até o ponto final do devir humano.

Uma “História” escatológica que possui, como atores principais e únicos, os homens brancos, ocidentais, modernos e suas narrativas de conquistas, logros intelectuais, políticos e econômicos. Nas palavras de Ailton Krenak, isso seria um “clube seletto da humanidade”, que impõe sua epistemologia, ontologia e interesses aos demais que passam a ser considerados “sub-humanidades”, grupos não ocidentais que lutam para sobreviver a esses processos de violências físicas e epistêmicas (KRENAK, 2019, p. 13). Aliás, essas seriam duas das características principais dessa “História”, um campo construído por violência física e epistêmica. Algo que provocou um ocultamento de outros saberes, filosofias, narrativas, experiências e ontologias.

* ROJAS, Felipe; HAMANN, Byron Ellsworth; ANDERSON, Benjamin (ed.). *Otros pasados: ontologías alternativas y el estudio de lo que ha sido*. Bogotá (CO): Ediciones Uniandes: Fondo de Promoción de la Cultura, 2022.

** Doutor em arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutorando em Estudos Arqueológicos pela Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH), no México, e professor de arqueologia na Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH) e na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).
E-mail: daniel_gpacheco@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5184-675X>.

Essa homogeneização e imposição de um passado único vem sendo cada vez mais questionada nas últimas décadas com a convergência entre diferentes críticas e novas propostas. Desde as discussões e o questionamento do papel hegemônico de *ês*¹ arqueólogos (SHANKS; TILLEY, 1987), passando pela teoria crítica em arqueologia (LEONE *et al.*, 1987) até chegar a discussões sobre um questionamento da ontologia moderna com as reflexões do novo materialismo e da arqueologia simétrica (WITMORE, 2007), das discussões de caráter ontológico (ALBERTI, 2016), passando pela arqueologia sensorial (PELLINI, 2018), o giro decolonial (GNECCO, 2009; HABER, 2016) e reflexões para despatriarcalizar o passado (MONTÓN SUBÍAS, 2021), e pensá-lo de maneira não binária (HARTEMANN, 2019). Propostas que questionam o “fazer científico” e propõem aberturas a outros conhecimentos para além da academia.

Esses diálogos com outros tipos de saberes também se ampliam a outras áreas, como as discussões sobre a virada ontológica na antropologia e a prática de uma antropologia recursiva. A *ecologia das práticas* discutida por Isabelle Stengers em suas reflexões sobre a cosmopolítica (STENGERS, 2010), que pressupõe uma convivência entre saberes heterogêneos e incompatíveis, até chegar ao campo da história com diversas discussões, como a ideia de uma Cosmohistória, apresentada por Federico Navarrete Linares, como possibilidades de pensar e construir maneiras diferentes de relações com o passado e o reconhecimento de tradições históricas e memórias culturais de povos e culturas não ocidentais (NAVARRETE LINARES, 2021).

Todas essas discussões e propostas oriundas de diferentes áreas do saber convergem e se emaranham nas ideias e reflexões presentes no livro *Otros Pasados: ontologías alternativas y el estudio de lo que ha sido* (2022), editado por Felipe Rojas, Byron Ellsworth Hamann e Benjamin Anderson. Essa importante e inovadora contribuição parte de um cuidado e respeito a outras ontologias, outros mundos, que apresentam narrativas que constituem seus próprios passados. Outros passados.

Tal como pontuado no prefácio escrito por Rojas, Hamann e Anderson, o livro é uma “reflexão sobre a possibilidade de estabelecer diálogos entre pessoas de mundos parecidos, mas que são distintos”. Mundos com diferentes perspectivas sobre as relações entre as gentes, animais e objetos, assim como pensamentos sobre o que foi, o que é e o que será. Essa proposta apresenta como algumas de suas bases um ato de humildade, com um questionamento do papel único e hierárquico *dês* historiadores ou arqueólogos, como sendo *ês* “únicos dones do passado”, assim como uma abertura à diversidade ontológica e epistêmica, que prevê outras existências e conhecimentos. Um pensar outros passados, tanto em seus próprios grupos quanto os passados dos outros.

A riqueza da publicação também se constituiu em sua própria composição heterogênea e diversa, tanto em suas origens, áreas de conhecimento desses onze autores que contribuíram para o livro, que vão desde a arqueologia, história, história da arte, passando pela etnologia e a antropologia social, assim como uma grande diversidade de enfoques, temas e regiões trabalhadas. A publicação nasce de uma conferência organizada pelo Museo Arqueológico de Bogotá, Colômbia, levada a cabo durante março de 2017 na Universidad de Los Andes.

O primeiro capítulo, escrito por Mariana Petry Cabral, “Cuando un pájaro viviente es un vestigio arqueológico: considerando la arqueología desde una perspectiva de conocimiento diferente”, é um exercício de cuidado e respeito por uma outra ontologia.

¹ Ao longo deste texto, optei por fazer uso da linguagem inclusiva com o sistema El.

Uma quase “não arqueologia” para os padrões disciplinares científicos ocidentais. Ao ser afetada pelo contato com o grupo amazônico Wajãpi, Cabral investiga como ês Wajãpi constroem suas narrativas sobre objetos do passado e organizam as ações e práticas de suas existências a partir de sua própria ontologia.

A arqueóloga realiza uma reflexão que utiliza como base o conceito de *equivoco controlado* (VIVEIROS DE CASTRO, 2004), como uma forma de comparação de conhecimentos oriundos de mundos distintos, com o reconhecimento dessas diferenças, e que as verdades dos *outros* são verdades em seu próprio direito. Com isso, Cabral percebeu que o fazer arqueologia com esse grupo demandaria o reconhecimento de outras formas de conhecer.

Algo materializado pela presença do Jacamín, um pássaro vivo, mas que no passado foi uma pessoa, testemunha e protagonista dos eventos ocorridos no início da vida dês Wajãpi. A percepção dessa ampliação da relação do passado desloca a autoridade científica, fazendo emergir uma perspectiva indígena, que considera um pássaro vivo como sendo um vestígio arqueológico, um exemplo vivo das marcas dos passados desse grupo da Amazônia brasileira.

O texto de Byron Ellsworth Hamann, “Las prácticas de perspectivismo: Las Casas, Durán, y el pasado presente (o cómo escribir la etnografía de España desde las Américas)”, propõe um diálogo entre Eduardo Viveiros de Castro e Maurice Halbwachs para discutir sobre a construção de passados e suas relações com os presentes. Hamann trabalha com o conceito do perspectivismo ameríndio ao propor um perspectivismo histórico, uma técnica histórica, que torna possível que a perspectiva presente de uma pessoa, sua visão de mundo presente, seja transformada para oferecer uma visão do passado. Conectado a isso, estão as reflexões de Halbwachs sobre o uso de diferentes práticas que possam fazer presente o passado, com a ideia de que a memória é um processo contínuo de reconstruir o passado a partir de um contexto atual, que conta com a ajuda de restos materiais, textos e tradições deixadas pelo passado.

Com isso, Hamann coloca em diálogo essas ideias desses dois autores para fazer uma leitura de manuscritos escritos pelos frades dominicanos, Bartolomé de Las Casas e Diego Durán, localizados no mundo transatlântico do século XVI. A proposta de Hamann é investigar o que esses dois autores dizem sobre a cultura espanhola renascentista e sua relação com as culturas indígenas mesoamericanas, assim como suas maneiras de pensar sobre o que era o passado e a presença de “outros passados” dentro da cultura moderna ocidental.

O capítulo “El pasado ajeno: el tiempo criollo y el tiempo prehispánico em Colombia”, apresentado por Carl Langebaek, discute a presença de diferentes interpretações *criollas* e europeias sobre o passado indígena na Colômbia e os seus restos arqueológicos. Para isso, o autor realiza uma crítica à noção linear evolucionista do tempo ocidental, que busca homogeneizar as noções temporais e determinar suas estruturas nos diferentes grupos humanos ao redor do mundo. Langebaek apresenta narrativas *criollas* baseadas em modelos alternativos de narrativas europeias, que rechaçavam a compreensão linear e evolutiva dos acontecimentos. Narrativas que pensam o tempo não como uma forma de ordenar linearmente a mudança social, mas sim como uma maneira de acomodar o passado que serve para explicar o presente e até o futuro.

A apropriação *criolla* do passado indígena, deu-se durante a construção de uma identidade separada da Espanha, com a reorganização de certos aspectos do passado indígena para trazê-los ao presente. Langebaek discute como as diferentes formas de manipulação da escala temporal correspondem a projetos políticos e sociais que vão desde a independência da Espanha até a construção de uma sociedade colombiana futura idealizada pelos *criollos*.

O capítulo escrito por Steve Kosiba “El pasado pesa tanto como una montaña: lugares ancestrales y perspectivas diferentes sobre la historia en el imperio inca”, discute como ês incas e outros povos andinos pré-colombianos conheceram e se relacionaram com os seus passados. Para isso, o autor parte de uma discussão sobre o significado desses passados em práticas e estruturas mediadoras através das quais os lugares passados poderiam desempenhar papéis políticos no mundo inca. Kosiba se enfoca no entendimento dessas práticas, códigos segundo os quais as paisagens andinas manifestavam as ideias, histórias, elementos políticos, seres e eventos do passado.

O autor mescla o uso de fontes históricas e etno-históricas, analisando a “contra pelo”, histórias escritas pelos espanhóis que silenciaram as vozes nativas, assim como estudos arqueológicos para examinar a paisagem da capital inca em Cusco e a rede de locais-seres “sagrados”, as *wak’as*, que constituem o que foi chamado de sistema *ceque*, mapa espacial e temporal inscrito na terra dês incas, como algo essencial para a organização da cidade e também das próprias percepções das histórias e passados desse povo. Ao explorar as relações entre o passado inca e a construção da paisagem, Kosiba apresenta uma interessante investigação sobre práticas que expõem um conhecimento experiencial sobre os diferentes passados que são habitados nas vistas e locais da antiga cidade de Cusco.

Já o capítulo de Juan Camilo Niño Vargas, “Pasados vegetales, presentes humanos, futuros animales: orden del mundo y el tiempo entre los chibchas (norte de Colombia y baja Centroamérica)”, tem como objetivo discutir as concepções gerais sobre o universo e o tempo do povo Chibcha da Colômbia, com uma reinterpretação da literatura linguística e etnográfica disponível, colocando em relação às discussões recentes sobre as ontologias, na antropologia. Vargas examina as classificações semânticas dos conhecimentos sobre as entidades e eventos “mitológicos” relativos ao passado e ao futuro, para pensar um ordenamento da realidade e do tempo geral.

O autor identifica, entre ês chibchas, características tanto antropocêntricas quanto antropomórficas. O humano apresenta uma condição central no mundo desses povos, que o constitui como ponto de referência para a definição de ordens não humanas e tempos não presentes. A partir de um universo construído por uma humanidade metafórica, associada a divindades, plantas e tempos passados, e também por uma humanidade metonímica, relacionada a seres impuros, animais e eventos futuros, aparecem as condições para o surgimento do tempo irreversível, composto por movimentos humanizadores e desumanizadores, pensados por ês chibchas como sendo germinações vegetais e degradações bestiais. Com tudo isso, Vargas constrói uma reflexão sobre a articulação entre as ordens cosmológicas, os regimes temporais e as classificações das entidades humanas e não humanas no universo chibcha.

O capítulo “‘Eso no es así’: pasados inconmensurables en la Sierra Nevada de Santa Marta”, escrito por Santiago Giraldo, apresenta uma entrevista com Virgilio Gil, professor de uma escola indígena kogi, localizada na Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia, com uma discussão sobre as diferentes formas de historicidade com uma comparação entre uma “Historia” (maiúscula), relacionada à história oficial construída pelo Estado colombiano, em contraposição a uma “história” (minúscula), construída pelo povo kogi. Com isso, a proposta de Giraldo foi mostrar a maneira como foram construídas as diferentes histórias dentro do contexto da Serra Nevada de Santa Marta, com a existência de múltiplas narrativas indígenas, camponesas, arqueológicas, históricas e antropológicas. E como tais experiências históricas distintas e variadas podem atuar para diferentes condições de possibilidades para o futuro kogi.

O texto de Jeffrey Moser, “La escultura estratigráfica: estudio de un caso de geoestética”, faz uso do conceito de geoestética, que se enfoca na dimensão afetiva

da estética nos aspectos da experiência humana num ambiente geológico, com uma ontologia implícita da pedra para estudar um grupo de inscrições e esculturas medievais esculpidas na rocha, no oeste da China. Moser se propõe a discutir as maneiras pelas quais a presença imanente do Buda esculpido em Wofoyuan, assim como as imagens textuais de bodhisattvas, emergentes nesse mesmo contexto, e o design formal da escultura operam de maneira concomitante para produzir um sentido, uma forma experimental de apreciar e interagir com aspectos geológicos da terra. Segundo o autor, a relação entre as esculturas e a geoestética local era recíproca, com esta última funcionando para orientar os escultores em seu trabalho, ao explorar as características materiais das rochas na paisagem, assim como o estabelecimento de constantes relações materiais e simbólicas presentes nos processos de criação e uso da escultura.

O texto de Felipe Rojas, “La recurrencia de Babilonia: historia local, historia universal, y arqueofilia comparadas en Afrodísias, Van, y la Ciudad de México”, examina três casos em que a Babilônia, antiga cidade mesopotâmica, serviu como elemento e referência cultural para diferentes povos do passado, localizados em diferentes regiões, como a antiga cidade de Afrodísias, na província romana da Ásia no século I EC, a área ao redor do lago Van, na antiga Armênia, durante o terceiro quarto do primeiro milênio EC, e Tenochtitlán, a antiga capital mexicana, na segunda metade do século XVI EC.

Ao comparar contextos tão díspares, Rojas mostra como esses três lugares evocaram a Babilônia como referência histórica para compreender e explicar vestígios do passado em seus territórios, não apenas como especulações mentais, mas também apoiadas por vestígios locais visíveis e tangíveis, para explicar as ruínas que existiam nesses territórios. Por fim, o autor enfatiza que os três casos ocorreram em situações de expansão imperial, com o horizonte babilônico sendo usado para acomodar diferentes narrativas históricas em circunstâncias de contato colonial em que explicações locais sobre os vestígios materiais do passado se opunham às histórias imperiais universalizantes.

O estudo de Benjamin Anderson, “La Quimera de Vasari: ontologías del estilo”, enfoca-se numa reflexão sobre o conceito de estilo a partir da análise de uma passagem do texto, do século XVI, *Vite de' più eccellenti pittori scultori e architettori* de Giorgio Vasari. O documento apresenta uma explicação empírica e ontológica do conceito de estilo relacionado à antiguidade da arte etrusca. A explicação empírica discute a tumba de Porsena em Chiusi como sendo uma base cronológica para os azulejos encontrados dentro dela e, por extensão, para outras cerâmicas escavadas que se assemelham a elas. Por outro lado, as discussões de Vasari sobre os sarcófagos de Viterbo e a Quimera de Arezzo substituem a explicação empírica por um princípio que aponta que a antiguidade relativa pode ser lida a partir de detalhes técnicos. Uma explicação ontológica baseada na ideia de que os artefatos são, necessária e permanentemente, marcados por onde e quando eles emergem. Anderson destaca que esses princípios de Vasari, posteriormente, um século mais tarde, foram a base da proposta do antiquário inglês John Aubrey sobre a datação de monumentos pré-históricos na Inglaterra.

O texto “Revivir de la basura: las extinciones históricas, la experiencia del pasado, y la arqueología de los fósiles recientes de la década de 1860”, de Irina Podgorny, discute o surgimento de um novo tipo de consciência histórica, no século XIX, a partir dos escombros produzidos durante a expansão global do capitalismo e da transformação desses escombros em evidências do passado. A autora discute principalmente os restos de animais mortos no encontro com pescadores, marinheiros e caçadores, processos ocorridos nas margens das rotas de navegação e comércio daquele momento. Para isso, ela analisa os araus-gigantes, uma espécie extinta de ave da família dos alcídeos que vivia no Atlântico Norte, assim como as técnicas usadas por os zoólogos do final do século XIX

para estudar essas aves e animais selvagens que, naquele momento, eram caçados, comidos e observados. Segundo Podgorny, o aparecimento no lixo dos séculos XVII e XVIII dos restos daqueles animais é um episódio que liga as práticas da história natural, arqueologia e a história de extinções causadas pelos humanos. Com isso, o texto propõe vincular o surgimento da arqueologia geológica, a concepção de um passado pré e proto-histórico com o contexto em que a exploração do lixo também começou a adquirir novas dimensões científicas e comerciais.

Por fim, o texto de Alain Schnapp, “Las ruinas de lo absoluto: tres miradas cruzadas sobre el pasado en occidente”, discute uma transformação da noção de “ruína” na tradição europeia. O autor afirma que pensar “outros passados” é um convite a pensar diferentes abordagens ao passado, seja a partir de civilizações que refletem sobre o seu próprio passado ou do ponto de vista externo de outras culturas, ou ainda culturas sob as estruturas de um contexto colonial. Schnapp propõe um esboço de uma teoria universal sobre o conceito de “ruínas”, que pode ser encontrada em varies autories do renascimento e do iluminismo e que construíram uma conexão entre natureza e cultura.

Para discutir esse conceito, o autor se enfoca em ideias de Cristoforo Buondelmonti e Ciriaco de Ancona, que, ao combinar fontes literárias e a observação do terreno e da paisagem, contribuíram para um repensar sobre o passado e o papel das ruínas no século XV. Em seguida, Schnapp coloca essas ideias em contato com as reflexões do conde de Volney e Diderot, de que as ruínas seriam um instrumento para compreender tanto o passado quanto o futuro, ao pensar o encontro com as ruínas como uma experiência pessoal, uma fusão entre os visitantes e o lugar. Segundo Schnapp, tudo perece, tudo está fadado ao fim, e a ruína apresenta uma situação ambivalente, é ao mesmo tempo o fim e o começo de tudo. Assim, tanto os vestígios dos acontecimentos naturais quanto os de ações humanas são instáveis, criando uma cumplicidade entre as pessoas e a natureza.

Mesmo com a presença de todos esses estudos e reflexões heterogêneas, opostas e complementares sobre a presença de “outros passados” nos mais diferentes contextos culturais, o livro apresenta um eixo comum, que é justamente a necessidade de estabelecer uma abertura a essas outras percepções e narrativas sobre os passados. Esse objetivo é amplamente atingido por os autories do livro, que se constitui como uma importante contribuição para essas recentes discussões nos diferentes campos das ciências humanas.

Palavras-chave: outros passados; outros conhecimentos; violência epistêmica.

Keywords: others past; other knowledges; epistemic violence.

Palabras clave: otros pasados; otros conocimientos; violencia epistémica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Benjamin. Archaeologies of Ontology. *Annual Review of Anthropology*, v. 45, p. 163-79, 2016.
- DEL VALLE ESCALANTE, Emilio. *Teorizando las literaturas indígenas contemporáneas*. Raleigh (US): Editorial A Contracorriente, 2015.
- GNECCO, Cristóbal. Caminos de la arqueología: de la violencia epistémica a la relacionalidad. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2009.
- HABER, Alejandro. Arqueología indisciplina y decolonización del conocimiento. In: SHEPHERD, Nick; GNECCO, Cristóbal; HABER, Alejandro (ed.). *Arqueología y decolonialidad [Archaeology and Decoloniality]*. Buenos Aires (AR): Ediciones del Signo; Durham (US): Centre for Global Studies and the Humanities, 2016. p. 123-166.

- HARTEMANN, Gabby. Nem ela, nem ele: por uma arqueologia (trans*) além do binário. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 13, n. 1, p. 99-115, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/rap.v13i1.8654589>.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LEONE, Mark; POTTER, Parker B.; SHACKEL, Paul A. Toward a Critical Archaeology. *Current Anthropology*, v. 28, n. 3, p. 283-302, 1987.
- MONTÓN SUBÍAS, Sandra. Despatriarcalizar descolonizando, descolonizar despatriarcalizando. Algunas reflexiones en torno al colonialismo, el patrimonio y la memoria histórica. *Complutum*, Madrid (ES), v. 32, n. 2, p. 561-574, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5209/cmpl.78580>.
- NAVARRETE LINARES, Federico. La Cosmohistoria: cómo construir la historia de mundos plurales. In: MARTÍNEZ RAMÍREZ, María Isabel; NEURATH, Johannes (coord.). *Cosmopolítica y cosmohistoria: una anti-síntesis*. Buenos Aires (AR): Sb, 2021. p. 23-40.
- PELLINI, José Roberto. *Senses, Affects and Archaeology: Changing the Heart, the Mind, and the Pants*. Cambridge (GB): Cambridge Scholars Publishing, 2018.
- SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. *Re-Constructing Archaeology: Theory and Practice*. London (GB): Routledge, 1987.
- STENGERS, Isabelle. *Cosmopolitics I*. Minneapolis (US): University of Minnesota Press, 2010.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, p. 3-22, 2004.
- WITMORE, Christopher L. Symmetrical Archaeology: Excerpts of a Manifesto. *World Archaeology*, v. 39, n. 4, p. 546-562, 2007.